

pedagógica, que nos ajuda a compreender, a não ter preconceitos e a não desculpar tudo, pedagogia da paz com os outros; construir um currículo da inteligência mundo: perceber que o mundo é um só, assim o currículo será de temas e de problemas, um conhecimento que se procura e constrói, e não vertical de disciplinas inventado há 150 anos, devendo ser ensinado na escola o equilíbrio entre tudo o que nos une e tudo o que nos liberta do mundo; Organizar o trabalho docente: “sair do quadro negro” transformar a pedagogia vertical numa pedagogia horizontal entre alunos, professores, entre o que está dentro e fora da sala de aula, assim o trabalho criativo, de improvisação e capacidade de responder as realidades do dia a dia das escolas é decisivo; ouvir novas vozes (sociedade) e celebrar novos vínculos, há mais educação para além da escola, a educação vai libertar-se da escola, existindo uma capilaridade educativa para se intervenha em espaços mais amplos através de várias tecnologias- alargar a educação para além da escola e por fim a capacidade de assumir um compromisso com a educação de todos, a ética é um compromisso concreto na forma de organizarmos as escolas, uma escola de todos, para todos, com todos e por todos. Não pode ser apenas uma retórica, mas sim um compromisso para todos terem acesso as aprendizagens.

Educação terá que ser vista como um percurso, um processo de renascimento porque o trabalho do educador implica o renascimento profissional em cima de uma identidade pessoal. Uma vez que ser professor é oferecer todo o conhecimento que se tem e reinventá-lo a cada dia, e a cada hora para poder fornecer aos alunos todas as ferramentas essenciais ao seu progresso e sucesso. Pois, e tal como Freire refere “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua construção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

4.2. Joana Abreu

Não é fácil responder à questão o que é ser professor do 2º ciclo sem que se reflita, primeiramente, sobre o que é ser professor. A identidade dos professores tem sido alvo frequente de debate, o que dificulta, ainda mais, a elaboração de uma resposta.

Em termos mais objetivos, é possível assinalar que um professor do 2º ciclo do Ensino Básico se distingue quer do professor do 1º ciclo do Ensino Básico, quer do professor do 3º ciclo do Ensino Básico e do professor do Ensino Secundário. Contrariamente ao professor do 1º ciclo, não se encontra em regime de monodocência, o que significa que integra um grupo de recrutamento e leciona um número mais limitado

de áreas do saber. É, por isso, um professor que não trabalha com uma turma, mas com várias turmas pelo que tem que ser capaz de dar resposta às necessidades não só das diferentes turmas, mas dos diferentes alunos que as integram.

É um professor que, no caso do 5º ano, recebe alunos provenientes do 1º ciclo do Ensino Básico, em fase de adaptação a uma nova realidade em termos de organização escolar e curricular. No caso do 6º ano, antecede a entrada num novo ciclo – o 3º – com os desafios que uma nova transição (ainda que talvez não tão exigente) implica.

Em contexto de estágio de observação, foi possível identificar evidências de ensino/aprendizagem, particularmente o esforço manifestado pelo professor do 2º ciclo, mas também o envolvimento dos alunos neste sentido.

Tal inicia na forma como o professor pensa os conteúdos e a turma – transpostas para as planificações e para a prática – e como mobiliza princípios pedagógicos e didáticos para estimular a aprendizagem do aluno. Refletindo sobre todo o percurso e os diferentes professores observados, quase nada parece ter acontecido por acaso, mesmo quando a flexibilidade permitia desvios ao estipulado.

O processo de ensino-aprendizagem ganhava forma quando o professor problematiza, sistematizava, debatia, incentivava e fornecia ferramentas. No cuidado que colocava na seleção de diferentes materiais, recursos e formas de trabalhar que satisfizessem não só as necessidades dos alunos, mas que fossem ao encontro dos documentos orientadores da prática educativa.

Uma das práticas que mais me surpreendeu, e que está em linha com os pressupostos da autonomia e flexibilidade curricular, foi o tempo de estudo autónomo cedido ao aluno em sala de aula. Este trabalho não representava apenas a possibilidade de o aluno estudar durante a aula mas, mais do que isso, de refletir sobre as suas dificuldades, incentivando-o a organizar e gerir os seus métodos de trabalho e, por isso, responsabilizando-o do seu próprio processo de aprendizagem e desenvolvimento.

E se o professor dava, também recebia: quando o aluno assumia a responsabilidade pela sua própria aprendizagem; quando adotava um papel ativo na aquisição do conhecimento; quando questionava, refletia, se envolvia e quando articulava a sua experiência e os conhecimentos prévios para construir novos significados.

Um dos elementos mais observados na professora cooperante e na visão que preconiza em relação à escola, prendeu-se com a capacidade que denotava de refletir sobre as suas práticas, de indagar se, numa próxima oportunidade, deveria tentar organizar uma determinada atividade de outra forma. Também o aluno era convidado a participar nesta

reflexão, através do “Diário de Turma”, no qual se registavam aspetos que tinham gostado e outros que não teriam sido do seu agrado.

Assim, foi possível observar professor e aluno em simbiose, num trabalho conjunto em prol da aquisição de conhecimentos, atitudes e competências que facilitam que a escola cumpra a sua função.

Continua, contudo, a colocar-se a grande questão: quem é o professor?

Na apresentação de um trabalho da unidade curricular de Sociologia da Educação, sobre a análise ao livro “Ser Professor: Uma Construção Biográfica”, da autoria de Manuel Martins Ponciano, o grupo de trabalho que eu integrava desafiou os colegas a partilhar memórias que mantinham de um professor que os tivesse marcado ao longo do seu percurso enquanto estudantes. Vários colegas quiseram responder ao repto lançado, identificando o professor em causa e o motivo pelo qual o tinham como referência. Todos estes contributos apresentavam um denominador comum: era a figura do professor enquanto pessoa que deixou marca. Ninguém se centrou na pessoa que os ensinou a ler ou a contar, nem no professor que melhor “explicava a matéria”. Era o professor que mostrava compaixão, que empatizava e que acarinhava mesmo quando estabelecia limites.

Esta experiência parece ir ao encontro das considerações de Nóvoa (2007), que defende que urge construir uma identidade docente da qual não se dissocie a dimensão da personalidade da dimensão da profissionalidade.

Também Korthagen e Vasalos (2005) apresentam qualidades como flexibilidade, espontaneidade e sensibilidade como essenciais nos professores.

De acordo com Nóvoa (2007) para se ser professor é também necessária uma formação centrada na prática, mas também na reflexão sobre essa prática, fugindo a modelos tradicionais no exercício da profissão. Assim, é infrutífero o professor limitar-se a saber teorias, livros e autores, devendo colocar em prática o que sabe e dispor o seu conhecimento ao serviço da aprendizagem.

Esta reflexão pode ocorrer através dos seis níveis contemplados numa adaptação ao “modelo da cebola”: num primeiro nível, o professor pode refletir sobre o ambiente/contexto; num segundo nível, sobre o seu próprio comportamento; num terceiro nível, refletir sobre as competências que detém; num quarto nível pode refletir sobre crenças autoreferenciais; num quinto nível poderá a forma como se vê enquanto pessoa e enquanto profissional e, por fim, num sexto nível, pensar a forma como se posiciona no mundo no que diz respeito à sua missão (Korthagen, 2012).

Parece-me, à luz destes autores, que o professor aprende a educar e aprende a educar-se num processo de autoconhecimento e desenvolvimento contínuos.

Nóvoa (2009) refere ainda cinco aspetos fulcrais para a identidade do professor, bem como o que este deve saber e ser: conhecimento, cultura profissional, tato pedagógico, trabalho em equipa e compromisso social. Por me rever nesta conceção de Nóvoa, passo a refletir acerca de cada uma das condições referidas.

Não podemos olhar para o professor em função do que ele é, mas também daquilo que ele sabe. Num contexto como é o da escola, o conhecimento reveste-se de uma importância primordial, pelo que o professor deve dominar as áreas que ensina. Isto implica, por um lado ter conhecimento acerca do saber erudito, mas também a capacidade de o tornar num saber ensinável e aprendível para o aluno.

Na minha perspetiva, a didática é o elemento diferenciador da docência, na medida em que nenhuma outra profissão exige uma tão grande capacidade camaleónica como é a de professor. E isto ocorre desde a forma como se ajusta não só aos diferentes contextos por onde vai passando, mas também ao grupo de alunos que recebe em sala de aula.

Quer isto dizer que o professor necessita de tato pedagógico: identificar as melhores metodologias, reconhecer a melhor estratégia de comunicação e a forma mais eficaz de trabalhar, enquanto se apresenta na sala de aula de forma cativante e segura.

Para além disso, o professor existe sob a alçada de uma tutela da qual é o rosto, o que significa que se encontra inserido numa instituição complexa, que engloba vários níveis de atuação e gestão que devem ser respeitados, o que exige um exercício de equilíbrio constante entre a sua identidade e a identidade de quem o rege e envolve.

Assim, o professor beneficia da relação com os colegas e das vantagens do trabalho que com estes articula. Este trabalho de equipa, numa lógica de comunidades de prática, pode enriquecer o professor na sua própria prática e facilitar a aquisição de competências por parte do aluno.

Por fim, destaca-se o compromisso social. E esse compromisso é o de educar. E educar é diferente de ensinar. Educar implica intervir em toda a linha, encarando o aluno segundo uma perspetiva holística – mais do que aluno, pessoa.

4.3. Joana Almeida

O início deste novo semestre trazia um novo desafio, inegável e inquestionável – neste caso, não me refiro à minha gravidez e a todo o turbilhão de desconfortos e incertezas que foram surgindo ao longo desta jornada-, o desafio era, pois, o de ser professor. Era